

Capítulo 1

A camélia

— Gostava de viver num lugar onde fosse sempre outono — disse a mãe, com um ar sonhador.

Tinham deixado a estrada principal e seguiam por um caminho estreito, entre as árvores. Algumas começavam a tornar-se amarelas e o vento leve fazia esvoaçar as folhas à frente do automóvel.

A Sara sorriu. Tinha a impressão de que toda a sua vida ouvira aquela frase, quatro ou cinco vezes, nos meses de outubro e novembro.

O Miguel, que ia sentado à frente, ao lado da mãe, voltou-se para trás e piscou-lhe o olho.

Era um dia de meados de outubro. O sol brilhara durante toda a manhã mas depois do almoço o céu ficara coberto de nuvens escuras que prometiam chuva.

Naquele dia, exceccionalmente, a mãe fora buscá-los à escola. A Sara encontrara-se com o Miguel no fundo do

corredor e tinham-se encaminhado juntos para a saída. A mãe esperava-os no pátio

A Sara pensou pela milésima vez que a mãe não se parecia com ninguém. Às vezes tinha a impressão de que as professoras e as mães das suas amigas quase não se distinguiam umas das outras, com as madeixas louras no cabelo, as roupas justas e os saltos dos sapatos muito altos.

O cabelo de Ema era comprido, ondulado, e invariavelmente um pouco despenteado. Não usava maquilhagem além de um *gloss* com sabor a tangerina que a Sara experimentava muitas vezes às escondidas. O seu vestido de verão era solto e ficava um pouco abaixo dos joelhos e o casaco de malha preto já tinha muitos anos. Tinha as pernas nuas, ainda bronzeadas do verão, e os sapatos pretos eram rasos e leves como os de uma bailarina.

Trocaram algumas palavras enquanto se dirigiam para o velho automóvel azul estacionado numa ruazinha lateral.

— Vamos ver a casa hoje, não vamos, mãe?

Ela sorriu e tirou do bolso do casaco de malha uma argola com algumas chaves.

— Claro.

Depois da morte do pai (há tanto tempo que a Sara já quase não se lembrava dele), a mãe deixara de estudar, arranajara um emprego mal pago num armazém e tinham ido viver para um apartamento numa feia urbanização na parte oeste da cidade. A Sara sabia que um dos sonhos da mãe era voltar a viver numa casa, mesmo pequena, mas não ganhava o bastante.

As coisas tinham mudado naquele verão. A mãe conseguira um novo emprego, a dirigir uma livraria que abria

recentemente no centro da cidade. A diferença no ordenado não era assim tão grande, mas ela começara a mostrar-se inquieta e a Sara tinha a impressão de que quase não falava de outra coisa.

— Quero que os meus filhos cresçam num lugar onde haja plantas, terra, onde possam ter um cão ou um gato...

— E um lugar para eu trabalhar — acrescentava o Miguel.

— Um estúdio... não sei.

— Oh mãe, se tivéssemos um cão ou um gato, e a mãe um espaço para plantar flores, não precisava de mais nada.

Ao que parecia, o Miguel herdara o dom do pai. Desenhava extremamente bem, e adorava pintar. Mas no apartamento o seu «estúdio» não passava de uma velha mesa de madeira, muito suja de tinta, junto a uma janela.

E assim, tinham começado a ver casas para alugar. Duas ou três eram encantadoras mas demasiado caras. Outras, embora espaçosas, tinham uma atmosfera tão desagradável como o prédio, não muito antigo mas com o ar de estar a cair aos bocados, onde viviam.

A casa que iam ver naquele dia não era muito cara, talvez por ser antiga e um pouco isolada; em tempos, fora a habitação dos guardas de uma grande Quinta que pertencia a estrangeiros.

O automóvel parou em frente de um pequeno portão de ferro pintado de verde. O caminho calcetado com pedras miúdas continuava e desaparecia numa curva.

— Aqui estamos — disse a mãe alegremente.

A casa ficava um pouco escondida pelos arbustos. Era pequena, um rés do chão e um primeiro andar baixo que

talvez não passasse de um sótão. Fora pintada recentemente. As paredes eram brancas e as gelosias verde-escuras. À frente, do lado esquerdo, havia uma camélia branca que começava a florir. As flores brancas cobriam a terra à sua volta.

A Sara compreendeu logo que a mãe não resistiria à camélia. Tinham entrado no jardim e olhavam em volta. A mãe parou à frente do arbusto e ficou imóvel por instantes. Depois voltou-se com um sorriso.

— Começou a florir muito cedo. Mas esta zona é fria.

Depois reparou numa arvorezinha do outro lado.

— Olhem. É um pessegueiro. Deve florir no fim do inverno ou no princípio da primavera. Meu Deus! Deve ser tão bonito!

O Miguel riu baixinho.

— Acho que nem precisamos de ver o interior da casa.

A mãe pareceu despertar de um sonho. Procurou a chave que abria a porta da frente.

Havia um corredor central entre a porta da frente e a das traseiras. Uma escada estreita ao fundo, à esquerda. Os quartos estavam vazios, cobertos de pó e cheiravam levemente a tinta. De um lado, um quarto com uma grande janela de onde se via o pessegueiro, uma despensa e uma cozinha que dava para o jardim das traseiras. Do outro, dois quartos e uma casa de banho.

Quase sem se dar conta, Sara pensava em voz alta.

— A sala e a cozinha. O quarto maior, com o armário na parede e a janela de onde se vê a camélia é o da mãe. O quarto mais pequeno é o meu. Mas, e o Miguel?

O Miguel falou muito a sério:

— Eu durmo em qualquer lado. Gosto desta casa.

— Vamos ver o sótão — disse a mãe.

O sótão era mais pequeno, mas ainda assim espaçoso. O teto era muito baixo, ficava a dois ou três centímetros da cabeça da mãe.

Havia duas divisões, sem uma porta entre elas, e uma minúscula casa-de-banho. As janelas eram estreitas mas entrava muita luz.

— Isto é perfeito — disse o Miguel. — Eu posso dormir num dos quartos e fazemos um estúdio no outro.

Tinha os olhos muito brilhantes e a mãe fez-lhe uma leve carícia no cabelo.

— Mas não podes crescer muito, ou terás de andar com a cabeça inclinada.

Ele riu.

— Não me importo.

Depois foram explorar o jardim das traseiras. Não era grande, mas as duas crianças que tinham passado os últimos anos num apartamento com uma varanda desnivelada, acharam-no perfeito. Havia alguns arbustos, canteiros com muitas ervas, e o muro do fundo estava inteiramente coberto de trepadeiras.

A Sara tinha notado que, depois do entusiasmo inicial, a mãe tinha um ar muito sério, mesmo preocupado. Ninguém falou quando voltaram a atravessar a casa e, depois de fecharem cuidadosamente as portas, dirigiram-se para a saída. A mãe parou junto ao portão, com os olhos fixos na camélia em flor.

— Mãe, esta casa é perfeita, não é? — disse o Miguel com ansiedade. — Pode finalmente ter um jardim. E talvez possamos ter um cão...